

## O MEDO INSTRUMENTALIZADO NA LITERATURA UTILITÁRIA: ANÁLISE DA REVISTA INFANTIL E CATÓLICA “O BEIJA-FLOR” (1916-1918)

Yohan Leon<sup>1</sup>

**Resumo:** O objeto de estudo deste artigo é a revista infantil e católica “O Beija-Flor”, publicada em Petrópolis (RJ) a partir de 1915. Especificamente, serão analisados exemplares de 1916 a 1918. Baseando-se nos contos publicados, pretende-se traçar um exame sobre o papel do “medo” relacionando-o às possíveis características da literatura utilitária em consonância com o universo simbólico religioso da igreja católica brasileira do início do século XX. Para tal, inserimos a revista no contexto editorial dos periódicos do período, com objetivo de melhor delinear a sua leitura e posicionamento, assim como contextualizar a própria literatura infantil da época. O exame se baseará nos pressupostos teóricos de Perrotti (1986), no que concerne a literatura utilitária, e em Déborah Lupton (1999) e David Le Breton (2007), no que se refere ao “medo”, além do apoio da historiografia que estuda o tema e o período.

**Palavras-chaves:** Revista infantil “O Beija-Flor”; Literatura utilitária; Representação do medo.

**Resumen:** El objeto de este artículo es la revista católica y infantil "O Beija-Flor", publicado en Petrópolis (RJ) comenzando en 1915. En concreto, las copias serán analizadas desde 1916 hasta 1918. Basado en los cuentos publicados, tiene la intención de dibujar un examen de la función del "miedo" en relación a las posibles características de la literatura utilitaria en línea con el universo simbólico religioso de la Iglesia Católica brasileña de principios del siglo XX. Para esto, insertamos la revista en el contexto editorial de las revistas de la época, con el fin de delinear mejor su lectura y posición, así como contextualizar la literatura infantil de la época. El examen se basa en supuestos teóricos de Perrotti (1986), con respecto a la literatura utilitaria, y Deborah Lupton (1999) y David Le Breton (2007), en relación con el "miedo" y el apoyo de la historiografía que estudia el periodo.

**Palabras clave:** Periódico infantil “O Beija-Flor”; Literatura utilitária; Representación del miedo.

### Introdução

O final do século XIX e início do XX é palco da produção em massa da literatura infantil. A evolução das técnicas de impressão possibilitou o surgimento das revistas para o público em geral. Entretanto, as mudanças na percepção da função da literatura infantil não mudaram do mesmo modo que as técnicas do impresso. Desde o século XVIII até meados do século XX, a literatura infantil possuía função predominantemente pedagógica, como salienta Perrotti:

Hoje, já se tornou lugar-comum reconhecer que a literatura para crianças e jovens tem desempenhado um papel predominantemente pedagógico,

desde o século XVIII, quando da sua constituição em forma de comunicação escrita dirigida por um adulto a uma criança. (1986:27)

Esse tipo de literatura, salienta o autor, é caracterizada pela falta de preocupação estética em prol do objetivo didático, ou seja, a produção é pensada para comunicar determinada mensagem, independente das consequências estéticas.

No início do século XX, a literatura infantil ainda possui este caráter pedagógico, no entanto, as concepções pedagógicas e políticas do período, como destaca Aries<sup>ii</sup>, objetivam a criança como objeto passível de determinada construção, como prognóstico. Neste momento, é comum encontrar literatura infantil com propostas que visam à construção do valor cívico em busca do progresso da nação<sup>iii</sup>. Os contos que serão examinados estão inseridos neste contexto.

Buscar-se-á as características utilitárias com base nos pressupostos de Perrotti e analisar-se-á o papel do “medo” como possível instrumento utilitário. Algumas questões paralelas devem ser consideradas, visto que a revista faz parte de uma investida católica no seio dos impressos em um período que este meio comunicativo mostrou-se de grande valor social.

Uma dessas questões é a investigação do universo simbólico da igreja católica brasileira do início do século XX e do próprio meio editorial do qual faz parte. Para tal, utilizaremos, principalmente, os estudos de Martins e Luca (2008) e Manoel (2004). As obras circundam a área do impresso, a relação com a política do período e os pressupostos do pensamento católico do início do século. Além desses estudos, cabe salientar que os pressupostos que concernem à concepção de representação e práticas compartilham das conclusões de Roger Chartier, que considera a leitura como “prática criadora e produtora de sentidos singulares” (2002:123).<sup>iv</sup>

Estas questões possuem importância vital para a análise proposta neste artigo. Uma vez que é necessário delimitar os referenciais simbólicos da igreja católica, para, a partir disso, considerar de que modo o “medo” pode ser utilizado como um instrumento para a literatura dispostas na revista.

Este exame propõe, portanto, indicar a relação do universo simbólico da igreja católica brasileira do início do século XX com a possibilidade de instrumentalizar o “medo” na produção de sua literatura distribuída pela revista *O Beija-Flor*. Busca-se

salientar como o “medo” foi materializado nos contos e de que modo, se ocorrer, ele assume uma função instrumental nas narrativas.

### Referencial teórico

Dada a natureza da fonte e da própria problemática da investigação, convém iluminar os caminhos teóricos a serem percorridos e que servirão como base para as proposições que serão produzidas. A primeira linha teórica refere-se à literatura utilitária.

Há uma extensa discussão sobre o estatuto da literatura enquanto discurso utilitário, estético ou engajado, entretanto, neste artigo, utilizaremos os conceitos de acordo com a delimitação proposta por Perrotti, para quem a literatura utilitária distingue-se por fazer do texto um suporte ideológico. Segundo o autor:

Visto isso, o problema que nos fica é o de que a literatura para crianças e jovens não se satisfaz com a tradição da arte concebida enquanto instrumento apenas em um de seus níveis, mas, exagerando a tradição, reduziu-se a isso, fazendo do contingencial, estrutural e da literatura, propaganda, ao buscar apenas o exortativo, o edificante, o didático [...] (1986:38)

Ao que concerne ao medo, baseamo-nos na sociologia do risco, mais especificamente em Lupton, na Obra *Risk* (1999). De acordo com a autora, o medo possui característica criadora, uma vez que busca evitar uma situação de risco<sup>v</sup>.

Consequências que antes apenas afetavam o indivíduo tornam-se ‘riscos’, sistematicamente causados, estatisticamente descritíveis e, nesse sentido, tipos de evento ‘previsíveis’, que podem também ser sujeitos a normas supra individuais e políticas de reconhecimento, de compensação e outras para os evitar [...] (1999:6)

Assim, certos “medos”, no período moderno, são vistos como previsíveis, diferenciando-os da concepção medieval, na qual, em síntese, as adversidades estão relacionadas às causas divinas e naturais que fogem a qualquer possibilidade de prevenção ou controle. Especificamente, neste exame, o “medo” da laicização da sociedade, por parte da igreja católica brasileira, torna necessário a ação eclesial de divulgar um conteúdo destinado a prevenir essa mudança. As narrativas analisadas, portanto, estão inseridas neste contexto.

Para delimitarmos contextualmente o período e o espaço que cerceia nosso exame, utilizaremos, principalmente, o livro *História do Brasil na imprensa* de Martins e Luca (2008) que investiga a evolução técnica do impresso, os incentivos a aquisição de papel e a alfabetização.

Segundo as autoras, as mudanças sociais decorrentes da sociabilidade moderna e a disponibilidade tecnológica do período, possibilitaram a produção de um novo formato de periódicos. Portanto, é no início do século XX que ocorre o “nascimento” desse tipo midiático destinado a um público específico.

Este período, denominado de *Belle Époque* (1900-1920)<sup>vi</sup>, tem como característica as revistas especializadas. Convém, uma vez que nosso objeto é um periódico que se encaixa na classificação supracitada, determinar as características das revistas ditas modernas. Estas revistas possuíam ilustrações coloridas com qualidade e tratavam de assuntos variados de maneira breve. As ilustrações visavam garantir que mesmo os analfabetos pudessem consumir as informações. Como descreve de Luca:

As inovações não se limitaram às mudanças na estrutura de produção, organização, direção e financiamento, mas atingiram também o conteúdo dos jornais e sua ordenação interna, que começou a exigir uma gama variada de competências, fruto da divisão do trabalho e da especialização. Este, por sua vez, não se circunscreveu à composição e a impressão propriamente ditas, mas redatores, articulistas, críticos, repórteres, revisores, desenhistas, fotógrafos, além de empregados administrativos e de operários encarregados de dar materialidade aos textos. (2008:152)

Entre as revistas que se destacaram como referência para o conceito de *belle époque*, podemos citar as revistas *Kosmos* (1904-1909), *Fon-Fon* (1907- 1945) e a *Careta* (1907- 1945). Estes periódicos, talvez como produto da própria sociabilidade moderna, traziam de maneira sintetizada os mais variados assuntos, desde política, passando pela arte, ciência, literatura e teatro. Segundo Maria L. Eleutério, estas revistas eram:

[...] como paradigma do mais bem acabado empreendimento entre as revistas consideradas modernas. [...] Em *Kosmos* encontra-se a visão do progresso material e civilizatório que permeou aqueles “tempos eufóricos”, metaforizados em nossa *belle époque*. [...] Em outro estilo, *Fon-Fon* (1907-1945), integrando em seu nome uma conotação francamente urbanizante, congregava os simbolistas, figurando a representação do modernismo carioca. Suas capas e páginas espelhavam a autoimagem que a elite e as classes médias em formação faziam do progresso: fotografias de modernos edifícios, a amplitude da avenida central, flagrantes de transeuntes nas

movimentadas ruas de comércio no centro da cidade, figurações do urbanismo, tudo isso impresso em papel couchê de alta gramatura, veiculando os textos entre guirlandas *art nouveaux*. (In: MARTINS e LUCA, 2008:90)

A abundância de cores, os inovadores planos gráficos e a divisão do periódico em colunas, diferenciava-o do formato utilizado durante o século XIX. Essas mudanças gráficas acompanhavam as transformações que ocorriam a nível urbano, social, técnico e comunicacional.

No âmbito da noção de progresso e de *belle époque*, relacionado às considerações da igreja católica do período, servirá de base a obra *O pêndulo da História*, de Manoel (2004). O autor examina a concepção católica sobre o progresso laico, relacionando-o com a cosmogonia católica e sua interpretação das mudanças na sociabilidade brasileira.

De acordo com o autor, diante da crescente influência da ideia do “homem” possuir a capacidade de “produzir” a própria história, como, por exemplo, em pressupostos da política liberal e das vertentes filosóficas iluministas, a concepção da história escatológica católica perde importância. Esse contexto, portanto, preocupa a elite religiosa. Ainda sobre a história na perspectiva religiosa, o autor argumenta:

A filosofia da história elaborada pelo catolicismo ultramontano do século XIX e primeira metade do século XX, coerente com seus pressupostos, seguirá um trajeto diferente, oposto. [...] enquanto os teóricos do catolicismo ultramontano se lamentavam pela consolidação do mundo moderno, os pensadores leigos racionalistas se felicitavam por essa mesma consolidação, exatamente porque, pensavam eles, o movimento histórico, produzido pelo próprio homem, seria o construtor da perfeição humana [...]. (MANOEL, 2004:81)

Evidenciado o caminho teórico, busca-se o exame dos contos de maneira orgânica, de modo que a análise não pretende ser separada por blocos específicos, uma vez que ambos os suportes teóricos circundam a investigação e o objeto investigado.

### **Exame dos contos**

Proposto a entender como se compõe, caso ocorra, os fios da tela que permitem a relação do utilitarismo literário e o uso do “medo” para determinado fim,

iniciaremos a investigação apresentando as áreas gerais que delimitarão os conceitos e a maneira que seguirá a análise. Assim, examinaremos os contos de maneira orgânica, ou seja, pretendemos compreendê-los de modo que não se torne blocos independentes dentro do desenvolvimento que foi proposto. A fonte utilizada, como supracitada, será a revista infantil e católica *O Beija-Flor* (1916-1918).

Evidentemente, não serão analisados todos os contos publicados durante o período, focaremos apenas em cinco contos. Tal característica deve-se às delimitações necessárias para constituição do problema proposto neste artigo. As narrativas foram selecionadas de modo qualitativo, visando enfatizar o tema principal da investigação.

Este exame pressupõe duas áreas correlatas: a crítica literária e a história da cultura. Evidentemente, a crítica literária abarca uma série de pressupostos, mas, aqui, será tratada com base nas teorias mais recentes e que possuem relação próxima à historiografia francesa, sobretudo a partir da proposta de Roger Chartier<sup>vii</sup>.

Tanto a historiografia cultural desta vertente, como a crítica literária mais recente, não considera o texto como uma unidade, buscando sua desconstrução, sua função e não seu significado. Deste modo, propõe-se examinar qual a relação do “medo” com os contos, sua função, como é materializado e de que forma articula-se na narrativa. De modo geral, esta será a problemática que este artigo tentará responder.

Sobre o medo, utilizaremos como pressuposto os exames tecidos pela socióloga citada anteriormente. Especificamente, neste artigo, tentaremos traçar como o “medo” está articulado nas narrativas que compõe a revista. Cabe destacar, de maneira resumida, a percepção de “medo” proposta por Lupton (1999). Segundo a autora, posteriormente a noção da filosofia iluminista de conhecimento social e natural, o “medo” passa a ser relacionado com o risco, podendo ser pensado de maneira a ser prevenido.

Partindo desse pressuposto, podemos considerar que o “medo”, possivelmente articulado nos contos, tem como objetivo prevenir determinadas práticas sociais. Nessa linha, podemos considerar que o “medo” causado pela modernização da sociedade garante que a igreja instrumentalize sua literatura com a sua própria representação do “medo”.

A fonte a ser analisada surge em um período em que já existe um campo “infantil” de impressos, considerando a abordagem de Áries. A literatura infantil do início do século XX, como destaca o autor (Aires, 1981), é baseada em pressupostos didáticos e ideológicos que são pensados e articulados para confluir com determinada postura. Considerando que a revista é um pretexto para o recurso ideológico, cabe tecer algumas considerações acerca da concepção católica do início do século XX e da entrada da instituição no meio da comunicação impressa.

Segundo a igreja católica<sup>viii</sup>, as mudanças sociais provenientes e influenciadas pelo advento da modernidade assemelhavam-se ao pecado original e, por isso, deveriam ser combatidas. Em vista disso, podemos questionar de que modo esta literatura se mostrava utilitária e como o “medo” era utilizado para tal. Segundo Manoel, para a igreja católica:

A história teve início com o ato humano negativo, porque foi um ato de orgulho e desobediência. Por isso, história é um processo negativo, considerando da perspectiva religiosa [...] porque Adão poderia ter desobedecido a qualquer outra restrição, mas radica no móvel do seu ato – a busca do conhecimento. (2004:111)

O *Beija-Flor* era destinado ao público jovem - sobretudo aos cristãos - e possuía um objetivo claro: garantir que os preceitos morais não fossem esquecidos por força das mudanças que ocorriam na sociedade do período. A maneira de alcançar o público jovem, evidentemente, era organizando histórias que interessassem a eles. Longe de buscar o puro entretenimento, as histórias infantis possuíam um objetivo pedagógico. A revista trata, principalmente, questões relacionadas à noção de progresso baseada na concepção de ciência da época.

Assim, cabe questionar como as fábulas publicadas tentam encaminhar determinada leitura, onde se posiciona o “medo” e qual função cumpre. Buscamos, portanto, analisar como o “medo” tem determinado papel para consolidar uma lição moral que visa alertar as crianças e/ou os adultos. Compreender o papel deste sentimento nos contos publicados, baseando-se, sobretudo, nos pressupostos tecidos por Perrotti<sup>ix</sup> sobre o discurso estético e utilitário.

Antes de contextualizar a literatura infantil do início do século XX, demonstrar-se-á, apoiando-se no autor citado, as características utilitárias que estão presentes nos contos, visto que quando citados terão como foco o tema do “medo”.

O discurso utilitário, como descreve Perrotti, ajustou-se com as expectativas burguesas do final do século XIX e início do XX. Buscava-se um modelo de criança que representasse a postura moderna e progressista da *belle époque*.

Neste período, no âmbito do público infantil, é comum verificar narrativas que se enquadram na literatura denominada de utilitária tradicional, na qual o narrador introduz um discurso doutrinário de maneira a dialogar diretamente com o leitor. Há, também, outra forma de utilitarismo, denominado de “às avessas”. Este é caracterizado pela camuflagem do discurso doutrinário na narrativa<sup>x</sup>.

Em um dos contos examinados é possível notar características do utilitarismo tradicional, no qual o autor discursa diretamente com o leitor, como será destacado em: *A má imprensa e as más campanhas*<sup>xi</sup>. Os outros são estruturados de acordo com as características da literatura “utilitária às avessas”, ou seja, a doutrina é mascarada nos valores impostos implicitamente, camuflando-se no discurso do personagem e na própria expansão narrativa.

As histórias e fábulas existem há muito tempo e serviam para alertar crianças e adultos, assim como para suprimir algum desejo ou garantir momentos de divertimento. Há evidências que muitos contos camponeses existiam séculos antes de serem transcritos pelos folcloristas europeus do século XIX. Muitos destes, quando influenciados por outros de origens distintas, são adaptados para o contexto no qual seriam reproduzidos, permitindo, assim, a decifração da ideia central da narrativa. Portanto, a audiência implica ao produtor do conto a modelagem de alguns aspectos. Outro fator relevante é a própria especificidade do espaço e do tempo no qual o sujeito produtor está inserido.

Uma história que serve para exemplificar as adaptações que um conto ou fábula pode sofrer é o caso da cinderela chinesa. No conto, ao invés de fada madrinha e do baile real, a cinderela encontra um peixe mágico e vai a uma festa de aldeia<sup>xii</sup>. A estrutura do conto continua a mesma, apenas sendo esteticamente moldada conforme a realidade chinesa. Evidentemente, não são apenas os ornamentos que são transformados, algumas questões ganham novos significados e às vezes contos são pegos aqui e acolá se transformando em um só. É o que ocorre nos contos da revista *O Beija-Flor*.

Como salienta Lajolo e Zilberman (1991), as adaptações dos contos europeus surgiram no Brasil no final do século XIX e possuíam característica cívico-



pedagógica. Neste contexto, insere-se a revista aqui estudada. Os seus contos, permeados de moral, são escritos pensando no contanto com o público infantil, muitas vezes por intermédio de um adulto. O primeiro conto, de novembro de 1916, intitulado *A mendiga*, conta a história de uma pobre mendiga que é acolhida por um casal camponês. No dia seguinte, o mesmo casal é convidado para jantar no castelo vizinho. Eis, que para a surpresa do casal, a mendiga, na realidade, era a dona do castelo. Após oferecer-lhe um belo jantar, a dona profere:

Essa boa família – acrescentou, mostrando o camponês e sua mulher – foi a única que me tratou caridosamente [...]. Quanto a vós outros contentai-vos com o que vedes nestes pratos, por ser justamente o que ontem me destes, e lembrai-vos de que assim sereis um dia tratados no outro mundo. (1916:337)

Outro conto, publicado na mesma edição, relata a história de Pupo e seu amigo Patatufo. O conto, intitulado *viagem à lua* tem como tema a viagem feita por Pupo à lua, relatando as incríveis façanhas que fizestes no lugar. Segundo Pupo, a Lua foi o melhor lugar que conheceu: “A Lua... sim, a Lua... Lá não falta nada... Lá tudo é beleza, saúde, gorduras... [...] Quando lá estive lamentei não ter levado fogo... Na Lua tudo há; só fogo é que não” (1916:338). Deslumbrado com a beleza sobre o mundo lunar, Patatufo questiona o amigo sobre porque voltou e recebe à resposta que foi devido aos credores. Pupo continua narrando sua viagem e se contradiz quando relata que: “lá na lua existe tanta caça – continuou o sabido Pupo - que nos risonhos e felizes dias em que por lá andava, alimentava-me exclusivamente de carne!” (Ibid. p. 338) esquecendo que havia dito que não havia fogo na lua. Após o relato do amigo, Patatufo, furioso, indaga: “Com a bréca! .... Que história é esta, ó doutor Pupo? .... Não engulo esta pílula.... Está por demais salgada...” (Ibid. p. 339)

Em *A rosa*, uma fábula publicada em 1917, uma garota a vista uma rosa e quando vai colhê-la, acaba por se machucar com o espinho. A rosa, depois de “mordê-la” lhe dá uma lição: “Ouve Mariazinha. A vida é isto: às vezes uma rosa, mas, o espinho. [...] trata bem as flores e os animais e tu serás feliz”. (1917:232)

Todas as histórias possuem um caráter moral, a primeira, na qual a gentileza sem ganância garante aos camponeses um jantar, é muito semelhante a um conto camponês denominado *Le deable et le marechal ferrant*<sup>xiii</sup>. Este conto francês, narra

a história de um soldado que, arruinado, acaba tornando-se mendigo e diante de alguns na mesma posição, acaba por dividir o pouco que lhe restava com outros. Como no conto da revista, neste, um dos mendigos era São Pedro disfarçado, o que lhe rende, posteriormente, algumas regalias.

Provavelmente, muitas das histórias narradas pelos padres e publicadas na revista tenham influências das histórias camponesas da Europa<sup>xiv</sup>, por meio da organização realizada, no início do século XIX, pelos irmãos Grim. Apesar da impossibilidade de encontrar a fonte exata que os padres utilizaram, alguns contos têm a estrutura semelhante aos transmitidos oralmente pelos camponeses durante séculos. Aliás, no conto *A Mendiga*, os camponeses são convidados a jantar em um castelo, um cenário muito mais próximo da Europa do que do Brasil no início do século XX.

Apesar de alguns contos serem baseados em contos camponeses da Europa de séculos antes do surgimento da Boa Imprensa<sup>xv</sup>, cabe ressaltar que a condição contemporânea à revista objetiva-os de maneira distinta. No conto *A mendiga*, a garantia de bom tratamento no céu é a maior recompensa. Este aspecto é muito distinto da versão francesa, na qual São Pedro concede um desejo ao soldado que, sem hesitar, pede um prato de comida.

Esta comparação nos permite notar alguns aspectos dos mundos sociais vinculados ao conto. Na versão francesa, torna-se evidente que a comida é um luxo, em contrapartida, o conto da revista privilegia a ação dos personagens. Nota-se a distinção entre a recompensa espiritual e terrena. A questão que me propus analisar pode não comparecer explicitamente nesta primeira análise, mas há características importantes que esta comparação nos destaca, a fim de compreender como o “medo” é utilizado pela revista *O Beija-Flor*.

Nos contos *A rosa* e *A mendiga*, podemos notar que o “medo” é fundamental. No primeiro, Mariazinha se machuca, mas entende que deve manter-se como uma boa pessoa, não fazendo mal às flores e aos animais. Assim como em *A mendiga*, neste, também, o indivíduo é recompensado de maneira espiritual. Nota-se, entretanto, que a principal motivação é o “medo”. Mariazinha se machuca e por medo de se machucar de novo, deve seguir o conselho. Em *A mendiga*, o “medo” é onisciente, propiciando sua internalização, uma vez que se acredita estar

monitorado. Em *viagem à lua*, a mensagem provém de Patatufo, quando não aceita a história do amigo. Algo para alertar a desconfiança para questões extraordinárias.

A *História de um sapateiro*, publicado em janeiro de 1918, conta a história de Tibúrcio, um sapateiro honesto e trabalhador. Vivia de maneira humilde, mas feliz, com casa própria e sem dívidas. Mas, um “emissário de satanás, disposto a colocar um óbice àquela existência feliz” (1918:17), chegou à sua cidade. “Instalara-se na cidade o telégrafo; e com este melhoramento veio como bagagem, uma praga horrenda, inseparável hoje, na nossa desventurada terra, deste invento humano. Veio, sabem o que? O jogo do bicho” (ibid:18).

O sapateiro se nega a jogar, mas devido a uma mentira contada por seu amigo, o qual dizia sobre as facilidades de ganhar, acabou por apostar. “Desde esse dia (pois, ganhou), arraigou-se no coração do bom homem a sede do jogo, perdia mais do que ganhava, mas, no entanto, não deixava de jogar”<sup>xvi</sup>

O conto termina com Tibúrcio descalço e sem chapéu, pois os vendeu para tentar recuperar o dinheiro perdido no jogo. Estes últimos contos possuem desfechos e estruturas semelhantes. Em *viagem à lua*, Pupo é mentiroso, pois narra façanhas extraordinárias; A *História de um sapateiro*, também possuía um papel chave para a mentira. Instrumento usado para convencer Tibúrcio a jogar no bicho.

No conto de Tibúrcio, o “medo” materializa-se no desfecho de sua história. É o medo de perder tudo que, teoricamente, garante que as crianças e os adultos<sup>xvii</sup> não se relacionem com o jogo do bicho. Ao invés de interagir em primeira pessoa ou do narrador aparecer de forma onisciente e guiar a leitura, nestes contos o medo do desfecho serve como instrumento regulador da leitura.

Como salienta a socióloga Lupton (1999), o “medo” possui relação com uma determinada situação de risco. Assim, uma vez materializado no conto e dispondo de um preceito chave na narrativa, acaba tornando-se uma ferramenta para o discurso utilitário. Ou seja, o conto tem como norte da leitura o medo proporcionado pelo desfecho e não uma relação dialógica direta ou indireta. Isso, evidentemente, é construído por uma antevisão estratégica. No caso analisado, essa estratégia torna-se mais pertinente se considerarmos o campo social.

Considerando que os contos foram, de certa maneira, estrategicamente construídos, de acordo com as características que citamos, podemos delimitar a posição do “medo” na narrativa, permitindo-nos algumas considerações. Os

desfechos das narrativas possuem lugar comum, são personagens que se deixam tentar pelas mentiras que lhes são ditas ou pela própria ganância. Assim, podemos analisar em quais referenciais esse sentimento se materializa e como o “medo” busca garantir determinada postura ideológica e prática.

Em todos os contos analisados, o “medo” busca traçar uma determinada interpretação e, se interiorizado, influencia nas práticas discursivas e não discursivas do leitor. Em *A Rosa*, o narrador dirige-se ao personagem de modo a dialogar, indiretamente, com o leitor, característica comum da narrativa utilitária às avessas.

Esses contos são publicados em edições que trazem vários outros contos semelhantes aos de *A Rosa* e *A mendiga*, nitidamente repleto de valor moral cristão e deixando claras as recompensas e dívidas nos assuntos que aludem à espiritualidade católica.

Diante dos pontos demonstrados e considerando que o “medo” está relacionado a uma situação de risco que busca uma ação específica em determinadas práticas cotidianas, será examinado como a educação torna-se característica a partir desses aspectos.

Podemos considerar que os contos publicados pela revista foram, ao menos neste momento, um dos meios de catequese contra a nova forma de sociabilidade. Assim, o “medo” é articulado nas narrativas da seguinte forma: Em *A mendiga* e *A rosa* o medo está vinculado a uma noção de garantir um bom tratamento no “outro mundo”, nota-se que as duas narrativas propõem, implicitamente, que os seres humanos estão constantemente sendo testados e vigiados; em *Viagem a lua* e no conto *História de um sapateiro*, o “medo” induz a desconfiar das promessas. Nesse último caso, a história de um sapateiro mostra o resultado da não desconfiança, ou, podemos considerar, da falta de “medo”, quando Tibúrcio termina perdendo tudo para o jogo do bicho.

O “medo” possui um modo imaterial e onipresente. Essa característica baseia-se na própria constituição da demonologia. Os “medos” citados e caracterizados confluem com a percepção teológica das ações de Satã. Segundo Delumeau:

‘Adversário’ sobre-humano, ‘sedutor’, ‘ardiloso’ e ‘enganador’ – assim como o define a bíblia –. O diabo é um extraordinário ilusionista, um prestidigitador temível. A literatura teológica da época é inesgotável sobre o tema e, pelos passes de mágica demoníacos, explica todos os surpreendentes conhecimentos de que não se pôde dar conta de outro modo. (2009:379)

Considerando que o público partilha do universo simbólico religioso e, portanto, possui a percepção dessas artimanhas de Satã, podemos compreender o significado e a dimensão do “medo” na necessidade de garantir um bom tratamento no “outro mundo”.

Deste modo, negar ajuda a um desconhecido, tratar mal os animais ou as plantas tornam-se situações de risco, pois não se sabe quando estará diante de uma ação divina ou das artimanhas satânicas. A convicção de que Satã engana continuamente os homens com suas armadilhas atravessou os tratados de demonologia do final da Idade Média e início da Renascença, encontrando em uma revista infantil do início do século XX uma nova forma de catequese.

É neste ambiente que o “medo” torna-se um instrumento para a literatura divulgada pela *O Beija-Flor*. A incerteza de estar diante de uma artimanha de satã, como na história de Tibúrcio, ou de estar sendo testada como em *A mendiga*, garante ao “medo” um papel utilitário nas narrativas. Ainda segundo Delumeau:

A ubiquidade da ação diabólica leva a postular não só o extraordinário poder de Lúcifer, mas também a existência de um exército de anjos do mal que obedecem docilmente a seu chefe como os anjos executam as ordens de Deus. Mesmo que o próprio satã, como acreditam certos teólogos, reside no inferno, seus agentes habitam o nosso universo[...]. (2009:381)

Até aqui, contentamo-nos a examinar as narrativas e sua relação com o medo. Entretanto, cabe algumas questões que extrapolam os contos analisados até o momento. Como os contos eram lidos? Em quais momentos eram enfatizados? Onde ocorriam as variações de tom? Esse universo carece de fontes, mas são possíveis algumas considerações baseadas na própria revista.

Examinamos, portanto, se a revista indica uma maneira de ler ou interpretar a leitura. Na edição de agosto de 1918, há um conto que possui algumas características importantes para a pesquisa. Intitulado *A má imprensa e as más companhias*, diferente dos outros, neste conto, o narrador introduz uma interpretação da sociedade antes de iniciar a narrativa:

De todos os monstros sociais, o pior e mais temível é a má imprensa em cujas garras aduncas e facínoras se oculta a ferocidade inaudita. Tão temíveis e desprezíveis como a má imprensa, as más companhias constituem um pau infecto de males e vícios, que contaminam o organismo social, tornando-o doentio, insalubre. (1918:247)

Esta introdução pretende deixar clara a causa da imoralidade do mundo contemporâneo à revista, essa característica do discurso direto com o leitor é característico da literatura utilitária tradicional. As coisas consideradas ruins são “monstros”, pois tem como objetivo o ambiente cultural infantil. Para alertar as crianças é necessário modelar as palavras e seus referentes à medida que possa ser claro para este público. Especificamente neste conto, o autor dirigiu-se diretamente ao leitor para garantir determinada interpretação da leitura, característica usada, como salienta Perrotti (1986), na literatura utilitária. Como denota o título, a relação entre a má imprensa e a má companhia é evidente. Mesmo assim, o autor vê necessário introduzir o leitor e os ouvintes em determinada esfera interpretativa.

Neste conto é possível considerar que a leitura consistia, provavelmente, com um adulto lendo para um grupo de crianças. Configuração que pode mudar a maneira de leitura. Uma leitura em grupo ou uma leitura para o grupo ocorre de maneiras distintas, assim como a leitura individual dá mais espaço à interpretação em oposição à coletiva.

Tratando-se de uma revista infantil e de um período que a alfabetização em massa estava sendo ensaiada, é compreensível que os contos fossem estruturados e narrados de modo a serem lidos em voz alta. No final da introdução do conto sobre a má companhia, o narrador diz: “Ouçam”. Ou seja, pressupõe-se que a leitura seja feita por um adulto para as crianças.

A preocupação do autor em explicar o que é mal, destina-se às crianças e, é claro, ao adulto. Tal perspectiva coincide com a baixa qualidade e quantidade das imagens. Se a revista é pensada para a leitura em grupo, de um adulto para, possivelmente, várias crianças, não é necessário aumentar os recursos para a qualidade gráfica.

Trata-se de uma revista produzida em um período que o texto era pretexto para o recurso didático, como salienta Perrotti. É comum, no período, como destaca Lajolo e Zilberman, que a literatura infantil possuísse caráter cívico-pedagógico, como fica bem claro na revista infantil *O Tico-Tico*<sup>xviii</sup>, que buscava garantir o ensino cívico e, assim, o progresso nacional.

No caso analisado, devido ao lugar social, as narrativas tomam alguns instrumentos de maneira peculiar. É evidente que as narrativas são construídas para doutrinar e, portanto, não possuem preocupação estética. Entretanto, podemos diferenciá-los do lugar comum da literatura infantil do início do século XX, pois, nestas narrativas, o sentimento de “medo” parece ter uma função fundamental no conto, assim como na cosmogonia religiosa. Em todos os contos examinados é o “medo” a melhor estratégia de doutrinar, sendo mais importante que a própria tentativa de relacionar-se dialogicamente com o leitor, apesar de alguns contos utilizarem essa técnica.

Esta proposição torna necessário esclarecer alguns postulados sobre o utilitarismo que foi considerado, articulado e que serviu como base para a investigação principal. Exceto no conto *A má imprensa e as más companhias*, nos qual o narrador interfere diretamente com o leitor, como na literatura utilitária tradicional, nos demais, a narrativa segue o caráter da literatura utilitária às avessas, esta, de acordo com Perrotti (1986), é caracterizada pela “manipulação dos registros (narrativos/discursos), criando no leitor a ilusão de que não se trata de um ensinamento, até o final, quando este já está dado e o jogo pode explicitar-se” (1986:125).

O lugar social de produção é determinante para a construção da estratégia da literatura utilitária. Como visto aqui, o sistema cosmogônico religioso garantiu que o “medo”, e não a relação dialógica direta fosse o principal instrumento garantidor da interpretação única. Trata-se de ter medo por ser vigiado permanentemente, como em *A mendiga*, ou de ser instigado pelo mal como na *História de um sapateiro*. A utilidade do “medo” para a narrativa tem um raio maior para quem compartilha desse universo simbólico da igreja católica brasileira do início do século XX.

Evidentemente, este sentimento não é exclusivo desta revista e aparece, se examinado minuciosamente, na maioria da literatura do tipo, mas, especificamente nesta, o “medo” toma um caráter fundamental para caracterizar pedagogicamente os contos, sendo necessário compreender, para entender a função do medo, o universo simbólico das pessoas que compartilham essas crenças.

Nada de muito novo se pensarmos no exame como descrição ou análise de literatura utilitária, ou basearmos a leitura deste artigo na dicotomia estético/utilitário. Há vários trabalhos sobre isso. Como salienta Perrotti (1986), no que concerne ao

Brasil, o discurso literário dirigido às crianças só tomou novo rumo na década de 1970.

Anteriormente às novas maneiras de escrever a literatura infantil, a narrativa “a serviço” não contemplou apenas os grupos sociais de maior poder aquisitivo ou militante da causa cívica do progresso nacional, também a religião começou a agir com os mesmos instrumentos, mas, é claro, fundamentando-se e agindo de acordo com seus pressupostos.

Buscando confluir o exame do campo social católico brasileiro do início do século XX, assim como os preceitos básicos do exame do discurso utilitário, da concepção da crítica literária e de algumas considerações amplas do campo da historiografia, foi possível, mesmo que de maneira rápida, compreender a relação do “medo” enquanto instrumento utilitário na literatura infantil produzida pela igreja católica brasileira neste espaço e tempo determinado.

### **Considerações finais**

A investigação organizou-se de modo a compreender características da literatura infantil do final do século XIX e início do século XX, localizando-se temporalmente e espacialmente, no que concerne à literatura infantil e a própria postura cosmogônica e institucional da igreja católica brasileira do início do século XX.

Os cinco contos analisados e escolhidos de modo qualitativo permitiram tecer os fios que compõe a relação do “medo” com a literatura utilitária. Apesar de breve, este exame permitiu iluminar a relação deste sentimento com este modo de literatura. O “medo” mostrou-se fundamental na estrutura dos contos analisados e torna-se, no desfecho, elemento essencial da narrativa.

Ao que circunscreve as características cosmogônicas religiosas, assim como o universo simbólico, é possível notar, pelo menos nos contos trabalhados, que a função principal das narrativas era combater a “verdade” científica. Destaca-se, também, que apesar da impossibilidade de diagnosticarmos detalhadamente a concepção de “verdade”, tratei o tema com base nos pressupostos da noção de representação e da literatura historiográfica sobre a *Belle Époque*.



O medo, portanto, foi instrumentalizado na narrativa, sem que fosse necessário explicitá-lo de maneira linguística. Exceto no conto *A rosa*, o uso do discurso direto ou indireto, considerando a dicotomia produtor/receptor, não foram utilizados pelos produtores. Em todos os contos, o “medo” foi o agente principal da função da narrativa. Tornando-se fundamental se pensarmos no universo simbólico no qual foi inserido.

A breve investigação indicou que é possível estabelecer uma relação de um sentimento específico - “medo” - com a análise da literatura utilitária, confluindo com questões sociológicas e historiográficas. Para demonstrar essa relação, procuramos fundamentar nossos pressupostos na concepção de representação e prática da historiografia cultural, assim como na sociologia do corpo, no que diz respeito ao sentimento.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, L. *Literatura Infantil Brasileira*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- ARRIADA, Eduardo. “Em Busca da Infância Perdida: Rastros, relatos, recordações”. In: *Vestígios do passado: a história e suas fontes*. IX Encontro Estadual de História, Seção Rio Grande Do Sul- ANPUH- RS. Disponível em: <[http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1210992285\\_ARQUIVO\\_EMBUSCADAINFANCIAPERDIDA.pdf](http://eeh2008.anpuhrs.org.br/resources/content/anais/1210992285_ARQUIVO_EMBUSCADAINFANCIAPERDIDA.pdf)> Acesso em: 12 mar. 2014.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- ALMEIDA, Cláudio A. *Meios de Comunicação Católicos na Construção de uma Ordem Autoritária 1907- 1937*. Tese (Doutorado em História), SP: USP, 2002.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil -1800-1900*. RJ: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil -1900-2000*. RJ: Mauad X, 2007.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: A aventura da modernidade*. Sp: Editora Schwarcz, 2008.
- BELLOTTI, Karina K. *Delas é o Reino dos Céus: Mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (1950 a 2000)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2007.

- BITENCOURT, Antônio Belamar O.; DE ALMEIDA, Francis Moraes. “Da semelhança à peculiaridade: Algumas transformações nas interpretações sobre o risco desde a Idade Média à Modernidade Tardia”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 37, pp. 95-103, Abril de 2014.
- BRENTON, David Le. *A sociologia do corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BREPOHL, Marion; CAPRARO, Andre M.; GARRAFFONI, Renata S. (Orgs.). *Sentimentos na História: Linguagens, práticas, emoções*. PR: Editora UFPR, 2012.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. 2. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CAES, André Luiz. *As Portas do Inferno não Prevalecerão: A espiritualidade católica como estratégia política (1872 – 1916)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, SP, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. 2º edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- \_\_\_\_\_, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. 2º edição, Lisboa: Difel, 2002.
- DEACETO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2011.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800: Uma cidade sitiada*. Editora Schwarcz: SP, 2009.
- DELDADO. “A mendiga”. In: Revista infantil *O Beija Flor*. Rio de Janeiro, N. 22, nov. 1916, p. 337.
- FERREIRA, Antonio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009
- FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. 21º edição. SP: Editora Loyola, 2011.
- HALL, S. “The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time”. In: THOMPSON, Kenneth (ed.). *Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University*. SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)
- HOOVER, Stewart M. *Religion in the media age*. NY, Taylor & Francis e-Library, 2006.

- \_\_\_\_\_. *Media and Religion*. University of Colorado at Boulder [http://cmrc.colorado.edu/]. Colorado: The Center for Media Religion, and Culture, 2008. Disponível em: <http://cmrc.colorado.edu/cmrc/images/stories/Center/Publications/whitepaperfinalversion.pdf> Acesso em: 12 mar. 2014.
- \_\_\_\_\_. & CLARK, Lynn Schofield (ed.). *Practicing religion in the age of media: explorations in media, religion, and culture*. NY, Columbia University Press, 2002.
- HULANO. “A história de um sapateiro”. In: Revista infantil *O Beija Flor*. Rio de Janeiro, N. 2, jan. 1918, p. 17.
- GOMES, Edgar da Silva. “A Estadualização da Hierarquia Eclesiástica no Brasil: Política e poder na relação Estado igreja na República Velha (1889 -1930)”. *Projeto História*. São Paulo, n.37, p. 295-303, dez. 2008.
- ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1991.
- LUCA, Tânia Regina. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUPTON, Déborah. *Risk*. Routledge. 29 West 35 th Street, New York, NY 10001, 1999.
- MARCIANO, Mario. “A rosa”. In: Revista infantil *O Beija Flor*. Rio de Janeiro, N. 15, ago. 1917, p. 232.
- MANOEL, Ivan A. “O Movimento Histórico: Produto da (des) razão. (Um Ensaio Sobre a Filosofia Católica da História 1800 – 1960)”. *Revista Núcleo*, v.1, n.1, out/abr 2003.p. 103-123.
- \_\_\_\_\_, Ivan A. *O pêndulo da História: Tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004.
- MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. SP: Editor Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e Cidade*. SP: Editora UNESP, 2006.
- \_\_\_\_\_, Ana Luiza. *Revistas em revistas*. SP: Edusp, 2008.

- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- MICELI, Sérgio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988.
- MIRANDA, Arlindo Ribeiro. “Viagem à lua”. In: Revista infantil *O Beija-Flor*. Rio de Janeiro, N. 22, nov. 1916, p. 338.
- NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1976.
- NOVAIS, Fernando (coord.). *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque a era do rádio (v.3)*. SP: Cia das letras, 1998.
- PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.

## NOTAS

<sup>i</sup> Graduação em História pela UEL(2014). Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UTFPR (2015). Atualmente é discente do PPGH/UDESC.

<sup>ii</sup> Segundo Aries, a literatura infantil surgiu no século XVI, mas é somente a partir do século XVIII que é pensada diretamente para o público infantil, em consonância com o maior grau de distinção entre infância e a vida adulta, que vai ficando mais claro a partir deste período. Sobre o tema, ver: Aries, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editora, 1978.

<sup>iii</sup> Para um estudo mais detalhado, ver: MARTINS, Ana L. *Revista em revista: impresso e práticas culturais do tempo da República*. São Paulo: Edusp/Fafesp/Imesp, 2007 e NOVAIS, Fernando (Coord). *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das letras, 1998, V.3.

<sup>iv</sup> Especificamente sobre a noção de representação, Chartier salienta: “As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é.” (2009: 51-52)

<sup>v</sup> A concepção de medo relacionado a situação de risco, delineada pela autora, difere-se do modelo referente as causas naturais ou divinas que, supostamente, não podem ser evitadas. Para uma análise pormenorizada, ver: (BITENCOURT; ALMEIDA, 2014)

<sup>vi</sup> Esta delimitação temporal, do período denominado de “*belle époque*”, segue a considerada em: NOVAIS, Fernando (coord.) -*História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio (v.3)*. São Paulo: Cia das letras, 1998.

<sup>vii</sup> Sobre a crítica literária e a historiografia francesa da quarta geração, ver: HUNT, Lynn. *História, Cultura e Texto*, In: *A nova História Cultural*. 1ªEd. 1992.p 1-33.

<sup>viii</sup> As considerações acerca do pensamento católico foram baseadas na tese de Livre-docência de Ivan Manoel intitulada “O pêndulo da história”, defendida em 1988 junto a FHDSS – UNESP – Franca.

<sup>ix</sup> Especificamente sobre o tema, ver: Discurso estético e utilitário, In: PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo; Ícone, 1986.

<sup>x</sup> Evidentemente que esta simples apresentação não abarca toda discussão acerca do utilitarismo na literatura, mas é necessário ter essa qualificação em mente para ler este artigo. Para uma discussão conceitual, ver: (PERROTTI, 1986).

<sup>xi</sup> Essa característica será explicitada posteriormente.

<sup>xii</sup> Sobre está análise, ver: DARNTON, Robert. *O GRANDE MASSACRE DE GATOS: e outros episódios da história cultural francesa*. 5. ed. SP: Editora Graal, 2006.p- 36

<sup>xiii</sup> Sobre o conto, ver: DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. 5. ed. SP: Editora Graal, 2006.p- 52.

<sup>xiv</sup> Informação baseada nos estudos de Lajoto e Zilberman (1987)

<sup>xv</sup> Da década de 1830 – Início das publicações – até 1870 a circulação e produção dos impressos católicos foram realizadas pela iniciativa de clérigos ou leigos que visavam divulgar os preceitos religiosos. A partir da secularização do Estado, a igreja vê a necessidade de combater as ideias laicas com maior controle. Deste movimento surge a Boa Imprensa. Tal nome, segundo a própria editora em comunicado, refere-se à imprensa laica, uma vez que ela é considerada uma “má imprensa”. Sobre este estudo, ver: (CAES, 2002).

<sup>xvi</sup> Idem

<sup>xvii</sup> Está questão será analisada melhor posteriormente.

<sup>xviii</sup> Sobre a revista, ver: ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Received on July 29, 2015.

Accept on August 16, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.